



Método, modelização e semiótica como ciência humana

Irene Machado*

Resumo: O artigo empreende a revisão crítica do método semiótico-estrutural concebido para a análise dos sistemas da cultura do ponto de vista da complexidade de sua constituição. Parte da noção de texto como modelo e do processo de modelização como método de análise da estruturalidade. A hipótese central do estudo distingue entre método estrutural e modelo, considerando a descrição e a síntese cognitiva como processos fundamentais do estudo semiótico da cultura. Segundo o argumento de Uspiênski e Lótman, a ciência do século XX, ao se voltar para a descoberta do novo, deparou-se com o imperativo da linguagem, da expansão de seus sistemas de signos e dos processos de construção de sentido. Compete, então, à investigação científica, se engajar num movimento de ampliação da “consciência sobre a consciência” para considerar as transformações que constituem o espaço semiótico dos textos da cultura. Com isso, situa o lugar da semiótica na ciência humana.

Palavras-chave: modelo, método, estruturalidade, complexidade, modelização

Introdução

O objetivo deste ensaio é discutir o método semiótico-estrutural (Lótman, 2001) que orientou a investigação semiótica em seu trabalho de explicitação das características de sistemas que, ao se desenvolverem como textos de cultura, se apresentam como organizações de grande complexidade. Para isso, recuperam-se articulações fundadoras do método semiótico em sua matriz analítica da estruturalidade da cultura (Lótman e Uspenskii, 1971, p. 39) e do entendimento baseado na descrição e na síntese, de modo a considerar a dinâmica dos modelos construídos.

A justificativa de tal reposicionamento remonta da insatisfação de Iúri Lótman com o raciocínio atomístico de abordagens semióticas de seu tempo que, partindo de uma unidade, entendida como um elemento mais simples, por exemplo, o signo, elaborou métodos de análise considerando tudo o que gravita em torno de tal unidade isolada (Lótman, 1996, p. 21). Segundo Lótman, tal metodologia se limitou ao funcionamento orgânico da estrutura constituída por partes, prejudicando um tratamento coerente da complexidade. Consequentemente, atribuiu-se ao modelo aquilo que é próprio ao método, aplicando-se ao modelo a simplificação que é própria do método. Esse é o ponto central de toda a discussão: a simplificação que se opera em métodos de análise não são propriedades dos modelos.

Considerando que a cultura jamais pode ser apreendida como uma totalidade (Lótman e Uspenskii, 1971, p. 37), sobretudo porque como texto jamais se decompõe em signos (Ivanov e outros, 2003, p. 106), o método baseado na simplificação não corresponde à complexidade dos sistemas da cultura. A limitação do método acaba por limitar o objeto examinado.

Diante desse quadro, Lótman reivindica um trabalho semiótico sobre os sistemas de signos da cultura pautado pela investigação de métodos condizentes com a natureza do objeto que investigam, a saber, os textos (modelos) da cultura. O método semiótico-estrutural busca compreender a estruturalidade dos textos da cultura do ponto de vista dos modelos construídos dinamicamente. Para isso, baseia-se no processo de modelização (Lótman, 1978a, p. 37) dos textos e linguagens bem como de seus códigos.

Sendo responsável pelo estudo dos processos modelizantes em expansão nos espaços semióticos da cultura, o método semiótico-estrutural não poderia pautar pela simplificação sem o risco de ignorar as demandas de seu objeto de estudo. A equação do raciocínio baseado na modelização conduz a análise para o movimento de semiose que o próprio espaço da cultura configura e organiza. Conscientemente ou não, estava lançada a semente para o florescimento do que seria concebido, nos anos 80, como estudo da semiosfera (Lótman, 1996).

* Docente / Universidade de São Paulo USP. Endereço para correspondência: (irenemac@uol.com.br).

A dinâmica dos sistemas modelizantes nos espaços semióticos fomenta o método semiótico-estrutural e, portanto, a fundação do campo de pesquisa a partir do qual a semiótica da cultura construiu um caminho de investigação em que o método encontra-se condicionado ao modelo. Contudo, enquanto o modelo tende para a complexidade, o método opera simplificações com vistas ao entendimento e à síntese.

Considerando que o objeto primordial da análise semiótica da cultura é a compreensão do processo modelizante em sistemas de signos, sobretudo do ponto de vista dos textos da cultura, o que se propõe aqui é o entendimento da condição estrutural que se configura não apenas como organização mas, sobretudo, como modelização, isto é, como expansão de sistemas de signos em interação.

Devemos, basicamente, a Iúri Lótman e Boris Uspênski a formulação das hipóteses e experimentos que conduziram a reflexão sobre o método semiótico-estrutural não restrito ao organismo, mas aberto para a semiose modelizante dos sistemas em ambientes de cultura.

Se, por um lado, se trata de operar sobre a construção de modelos segundo a analítica da estruturalidade baseada na expansão de códigos e linguagens, por outro, o que se observa é a compreensão dos modelos como síntese de um método de observação e análise. O que se infere de saída é que a distinção entre método e modelo não compromete a implicação mútua entre eles. Pelo contrário, o entendimento da linguagem, em suas possibilidades de organização da informação, e dos próprios sistemas nos espaços de cultura só se enriquece com a interação distintiva.

1. Métodos e modelos em sistemas de grande complexidade

Ao situar a linguagem como dispositivo de organização da informação na geração de sistemas culturais, o campo de estudos semióticos viu nascer, nos anos de 1960, o alinhamento de investigação que se voltou para o estudo dos assim chamados “sistemas de grande complexidade” onde “texto” se tornou chave conceitual. Denominou-se “semiótica estrutural” ao conjunto de trabalhos que se orientaram pela concepção segundo a qual cultura não implica grandezas e totalidades, pelo contrário: a condição da cultura é a proliferação de organizações a partir de modelos. O texto seria, nesse sentido, o modelo elementar da cultura e as linguagens as realizações desse texto nos sistemas da cultura.

Dotada de estrutura que a organiza, a linguagem é também dispositivo de organização de outros sistemas culturais aos quais confere estruturalidade. Contudo, entre estrutura e estruturalidade não se observa o fun-

cionamento segundo o qual modelos simples precedem modelos complexos de modo a compor com eles gradientes numa escala que vai do mais elementar aos mais complexos. Na verdade, seguindo as muitas formulações de Iúri Lótman acerca dos modelos de descrição dos textos, bem como as reformulações ulteriores de Mikhail Lótman (2001), chega-se à síntese conceitual segundo a qual as elaborações da cultura, a exemplo do que se atribui aos fenômenos, são manifestações de complexidade. Em ambos os casos estamos diante de modelos complexos marcados por relações estruturais dinâmicas a exigir “uma abordagem dialético-funcional” (Lótman, 1979, p. 132).

Se atribuímos a um modelo o desígnio da simplificação é porque o método assim se comporta em relação ao modelo como uma estratégia de entendimento da complexidade. É aí que a condição modelizante se faz presente para realinhar o dinamismo de relações e, por conseguinte, deixar emergir a complexidade. Essa é a tarefa do método estrutural e do mecanismo de simplificação — de modelização — criado para tratar das construções de grande complexidade.

A tarefa do método semiótico-estrutural seria, em última análise, o de compreensão da dinâmica das transformações de sistemas envolvidos. Para isso, um de seus princípios elementares seria a observação do movimento de invariantes no contexto de variações, seja num sistema, seja entre sistemas diferentes.

Em trabalhos de distintas gerações semióticas foram elaboradas diferentes formulações desse processo, o que resultou num conjunto bem articulado de ideias sobre a sistemicidade das relações culturais. Dizendo de outro modo, resultou na projeção das condições de possibilidades de um sistema. Conceitos como sincronia e diacronia (R. Jakobson); de evolução (I. Tinianov); de relações dialógicas, cronotopo, grande temporalidade, extraposição (M. Bakhtin); de modelização, cultura como texto, texto da cultura, espaço semiótico e semiosfera (I. Lótman); de moldura, artisticidade e autocomunicação (B. Uspênski); de experiência estética e montagem (S. Eisenstein), são alguns dos exemplos em que a análise dos sistemas culturais procuraram sistematizar o modo pelo qual as invariâncias se constituem no contextos de intensas variações.

Em todas essas concepções o método semiótico-estrutural orienta diferentes perspectivas sistêmicas. Se, por um lado, conserva a noção estrutural de sistema baseado na organicidade de partes, planos ou níveis, por outro, chega à elaboração da dinâmica do próprio movimento de expansão no espaço semiótico onde a semiose se manifesta como condição fundamental. Se, em estudos iniciais, o trabalho analítico se concentrou na estrutura das relações, em seu desenvolvimento caminhou para a compreensão da estruturalidade modelizante e para a constituição do espaço em movimento de semiose de seus sistemas de signos.

Do ponto de vista do espaço semiótico, a constituição orgânica deixa de ser o foco da análise, e cede lugar para o movimento de mudança em expansão. Garante-se, por conseguinte, a dinâmica das relações no próprio “caminho da descrição” (Lótman, 1979, p. 131) ou método de análise.

A interrogação sobre o que muda e o que permanece num sistema tornou-se a interrogação fundamental também para a abordagem semiótica da cultura. No horizonte de tal questionamento foi possível projetar a dinâmica dos encontros culturais nas mais distintas esferas de sua manifestação. Contudo, o que se tornou específico na abordagem semiótica da cultura foi a descoberta de campos em luta no espaço semiótico. Dentro e fora; próprio e alheio; cultura e não-cultura são algumas das forças em luta no espaço semiótico delineado pelos encontros culturais. Manifestados por meio de uma variedade de possibilidades — conquistas territoriais, disputas políticas, étnicas, semiótico-linguísticas, tecnológicas e de sistemas de mente — os encontros culturais delimitam um espaço de luta em que as invariantes emergem sob o pano de fundo das variações. Nem mesmo o desenho geopolítico do mundo se mantém imune à dinâmica dessas mudanças. Com isso se quer afirmar que o próprio mundo não está liberado da sistemicidade da semiótica dos espaços culturais. E esse flagrante é o que, grosso modo, distinguiu os estudos que chegaram à compreensão da semiosfera na tentativa de apreender a complexidade de sua constituição.

Sabemos que semiosfera abrange o campo conceitual que Lótman dividiu como modelo de mundo projetado enquanto espaço flagrante da semiótica. O que não sabemos, ou temos dificuldade de conferir a devida atenção, é que os sistemas de grande complexidade colocam na pauta fundamental de sua investigação os métodos de observação e de análise das semiotes em suas variações. O modelo da semiosfera reflete, pois, estados de mente, de entendimento, para os quais buscam-se métodos de observação, descrição e análise que, em vez de alcançar um quadro constituído, é assombrado pela dinâmica, levando assim à elaboração de novos modelos. Nesse sentido, a própria noção de semiosfera pode ser entendida como um modelo de mente cujo método analítico não tem poder de delimitação, mas sim de estimulação e entendimento.

Diante desse quadro conceitual, o ensaio aqui proposto tem como desafio:

1. explicitar uma compreensão dos métodos e dos modelos na investigação semiótica;
2. redimensionar o método semiótico-estrutural do ponto de vista da descrição do dinamismo estrutural dos sistemas de signos;
3. delinear a compreensão do dinamismo das variações nos sistemas de grande complexidade;

4. configurar a metalinguagem da descrição da cultura na auto-descrição de seus funcionamentos sistêmicos;
5. desenhar o caminho que vai da descrição para a síntese, ou seja, da construção ao entendimento.

A cultura define-se como um sistema de grande complexidade não apenas porque a abordagem semiótica apreende como cultura os sistemas suscetíveis de serem lidos como texto e, enquanto tais, como espaços semióticos de signos e de linguagens modelizadas. Amplie-se daí que a complexidade do sistema da cultura advém de sua composição como sistema dinâmico, em transformação no tempo e no espaço. Por isso, nosso horizonte especulativo orienta-se pela indagação: Como examinar aquilo que muda naquilo que permanece, isto é, as linguagens e os sistemas de signos em semiótica?

2. Sistemas semióticos em disputa pelo espaço

Sob o desígnio de “sistemas semióticos de grande complexidade” não se representa aqui uma tautologia, como pode sugerir uma leitura genérica, uma vez que, todo sistema semiótico se orienta pela complexidade das relações signíficas, ainda que perspectivadas por ângulos variados. O que se procura definir é a semiótica transformadora de interações em espaços de cultura cujas determinações históricas não se fecham às possibilidades de movimentos imprevisíveis. Sistemas semióticos de grande complexidade definem-se nas explosões de encontros signífico-culturais diversificados.

A distinção de sistemas semióticos de grande complexidade, que Lótman e Uspênski atribuem à cultura, surge nos anos 1970, período de intensa produtividade na investigação semiótica no continente europeu de leste a oeste. Por essa época, a noção de espaço semiótico como organização estrutural é moeda corrente. Entende-se por descrição da estrutura dinâmica do sistema aquilo que os pontos de vista variáveis surpreende nos encontros. Os semioticistas da cultura, contudo, se viram diante de uma nova demanda: a necessidade de distinguir entre os elementos sistêmicos de permanência e, portanto, invariáveis, e os elementos extra-sistêmicos. Segundo Lótman, os elementos invariáveis constituem a estrutura do sistema. Contudo, nos termos de seu entendimento, o sistêmico se distingue do extra-sistêmico, não porque um repousa na estabilidade e o outro na dinâmica, mas sim porque à estrutura “se contrapõem os elementos extra-sistêmicos que se distinguem pela não-estabilidade, irregularidade e que hão de ser eliminados no curso da descrição” (Lótman, 1974, p. 65). Dito de outro modo: se as estruturas sistêmicas fossem estáveis, não se

desenharia o movimento de luta contra aquilo que ameaça pelo exterior. Temos, então, que a estabilidade estrutural-sistêmica não se projeta senão pela dinâmica de conflitos. Se o modelo sistêmico funciona por exclusão do extra-sistêmico, ele se oferece como construção de um modelo simplificado e, nesse caso, se repete o traço fundamental da ciência (Lótman, 1974, p. 66).

A luta pelo espaço semiótico entre sistêmico e extra-sistêmico segue em outra direção. Não se trata de oposição entre o que está dentro e o que está fora, entre o próprio e o alheio, entre o estático e o dinâmico, mas sim de disputa. É aqui que se situa a demanda pela “abordagem dialético-funcional” reivindicada por Lótman (1979, p. 132). Quando Lótman apreende tal disputa no confronto entre cultura e não-cultura; texto e não-texto, não é de oposição ou de dicotomia que ele está falando. No centro de sua atenção está a luta pelo espaço semiótico pautada nos questionamentos: como aquilo que está fora — o extra-sistêmico — pode adentrar para a esfera da cultura a se tornar sistêmico? Como a informação se torna texto?

Lótman reconhece que a exclusão dos elementos extra-sistêmicos cria um problema para a construção de modelos dinâmicos: “uma das fontes fundamentais do dinamismo das estruturas semióticas é empurrar os elementos extra-sistêmicos para a órbita da sistemicidade e a expulsão do sistêmico para o extra-sistêmico” (Lótman, 1974, p. 67). Surge, assim, um problema de método, uma vez que o extra-sistêmico escapa ao princípio analítico e também não se submete à descrição. A possibilidade de análise Lótman encontra no processo de tradução. Pela tradução, o extra-sistêmico pode assumir a condição sistêmica, visto que em traduções desse tipo, são devidamente considerados a não coincidência de códigos.

Não se trata de descrever apenas a estrutura da cultura, mas de traduzi-la na linguagem dessa descrição, da própria auto-descrição da cultura (Lótman, 1969, p. 72), o que significa, para Lótman, um ato cultural criador, um degrau no desenvolvimento da linguagem.

O método semiótico-estrutural pensado a partir da dialogia luta, ele também, para não fazer da descrição um modo de converter um “objeto dinâmico em um modelo estático”, uma grande preocupação de Lótman (1974, p. 65). Cresce a importância de procedimentos que levem à introdução de traços dinâmicos no sistema de modo a levar à constituição da complexidade: binarismo, ambivalência, tensionamento entre centro e periferia.

Com isso, pode-se distinguir dois tipos de sistemas semióticos: aqueles orientados para a transmissão primária e aqueles orientados para a transmissão da informação secundária. Os primeiros podem funcionar em estado estático; para os segundos, a presença dinâmica, quer dizer, da história, é uma condição ne-

cessária ao funcionamento. Daí a ideia de que “O estudo das linguagens artísticas e em particular do poético deixa de ser meramente uma estreita esfera de funcionamento da lingüística: está na base da modelização dos processos dinâmicos da linguagem como tais” (Lótman, 1974, p. 80).

Os sistemas sógnicos de grande complexidade oscilam entre os dois níveis e funcionam sob tensão, o que deixa em evidência o estado dinâmico do sistema. Um exemplo nesse sentido são as situações comunicativas: à transmissão segue-se a tradução a partir de códigos não-coincidentes.

Do ponto de vista de sua descrição, os sistemas de grande complexidade são a história, a arte, a vida do homem como unidade de processos biológicos e sociais, as linguagens, as hierarquias complexas da semiosfera. Do ponto de vista estrutural, esses sistemas se distinguem pelo dinamismo, fluidez, contraditoriedade de organização interna (Lótman e Uspênski, 1973a, p. XXII). Se a constituição dos sistemas de grande complexidade for considerada a partir de sua constituição interna, teremos de fato valorizado aquilo que distingue a ciência humana da ciência exata.

Se o método estrutural se consagrou pelo processo analítico de funcionamentos constituídos, há que se considerar a transformação proposta pelo método semiótico que busca a interação de tendências, sobretudo porque seu objeto de estudo — o texto que se constitui na dinâmica da grande complexidade — é marcadamente fluido. A diferença fundamental do método semiótico estrutural-descritivo em relação ao método estrutural analítico-demonstrativo é a concepção das regras e dos meios na síntese do texto muitas vezes calcado em contradições. O texto artístico, por exemplo, não é uma estrutura de decodificação mas de recodificação e metalinguagem a reivindicar uma compreensão descritiva dos sistema hierárquico de sua complexidade.

3. Descrição e síntese cognitiva na relação do signo com a signicidade da cultura

Sabemos que um modelo revela uma construção objetivada por um modo de ver o mundo num espaço de cultura que, longe de ser uma mera oposição à natureza, apresenta-se como produto das transformações dialéticas de suas leis que são, evidentemente, naturais, porém, não têm nada de divino. Um modelo implica um modo de ver e compreender o mundo; um ponto de vista que nasce do lugar que o homem ocupa nesse mundo. É hora de introduzir a dimensão do método sem o qual o modelo não é construído. Tanto o método quanto o modelo dizem respeito a atividades de conhecimento na cultura, por conseguinte, são inconcebíveis fora do espaço a partir do qual se projeta o ponto de

vista. Modelo e método dizem respeito à delimitação — jamais serão sinônimos de totalidades. Ambos se organizam em espaços semióticos delimitados, o que nos permite orientar o exame pela observação com vistas à descrição onde seja possível evidenciar a variação de invariantes.

Se é certo afirmar que os modelos constroem sistemas de representação, não é menos correto afirmar que os métodos se encarregam de criar possibilidades de investigação e interpretação. Por isso, a premissa segundo a qual, no modelo se inscreve a ontologia de um sistema e, no método, a condição de possibilidade que o entendimento deriva de seu funcionamento, só será reconhecida se entendimento e funcionamento forem dimensionados como interdependência entre metodologia e epistemologia. Um sistema cultural não se oferece ao observador senão como construção de premissas que levem à ontologia. Porque são variáveis e se implicam mutuamente, método e modelo não se manifestam como objetos de demonstração ou da aplicação de um modelo teórico apriorístico. Diríamos, pois, que a construção depende muito mais da percepção do que da teoria, mantendo coerência com a própria dinâmica sistêmica da cultura.

Também vale dizer que não estamos diante de etapas, mas de processos ou estados de implicações mútuas: tanto os modelos constituem a base a partir da qual são construídos os métodos, quanto os métodos se encarregam de construção de modelos.

O que caracteriza a singularidade da noção de “modelo semiótico” sem ferir sua dinâmica? Se, num nível imediato, se situa a natureza signíca da cultura, num outro nível situaríamos sua capacidade de produção de semiose. A singularidade da definição do método semiótico deve-se, igualmente, ao vínculo que se constrói na relação entre “signo e signicidade”: enquanto a descrição observa a constituição das classes de signos, a síntese cognitiva se encarrega de produzir semiose. O método semiótico se distingue nessa vinculação ao modelo como síntese cognitiva.

Lótman e Uspênski (1973a) entendem que procedimentos como esses, isto é, da descrição e síntese propostos como método e modelo, destituem a fé e a crença que orientam as demonstrações da análise aplicada pautada pela teoria apriorística. Ao propor o método semiótico a partir do modelo baseado na cognição busca-se valorizar não apenas a dimensão perceptiva, mas, sobretudo, a orientação para um outro e para as relações dialógicas da semiose. Para atender a essa demanda é que são desenvolvidas as linguagens de descrição a partir de modelos e de pontos de vista de observação, ou melhor, de percepção. Nessa operação, a inclusão do observador / percebido introduz a dialogia no modelo.

O modelo semiótico dialogicamente concebido torna-se um modelo privilegiado de estudo da complexidade

dos sistemas semióticos. É nele que vemos desenvolver ferramentas de descrição tais como a tradução, a metalinguagem, a auto-referência que caminham para a construção de modelos semióticos.

O modelo dialógico se desenvolve em espaços de relações, onde os textos da cultura se situam em fronteiras. Antes mesmo de ser um traço fundamental do estudo da semiosfera, fronteira surge na investigação de Lótman para apreender o movimento dos sistemas culturais no espaço interno da cultura (Lótman, 1969, p. 101). Fronteira reproduz um modelo dinâmico da dialogia no espaço sistêmico. Como traço que distingue transformações, tal como a noção de traço distintivo de Jakobson, a fronteira também projeta uma linguagem de descrição que define o método semiótico-estrutural no estudo do modelo dialógico.

Considerados na dimensionalidade dinâmica dos espaços de fronteira, os modelos da cultura podem ser considerados em suas propriedades fundamentais.

1. dimensionalidade espacial
2. homeomorfismo relacionado à coletividade
3. delimitações internas que dividem o espaço interior do espaço exterior
4. diferenças e identidades entre os espaços internos e externos
5. variantes de orientação nos espaços delimitados da cultura
6. dependências entre conteúdos e modelos de cultura

A formalização de linguagens para a descrição do funcionamento dos sistemas de signos nos espaços da cultura marca a investigação sobre os modelos e o método estrutural-semiótico que espera projetar assim as condições de possibilidades da própria semiose (tal como formulado em Machado e Romanini, 2011a).

4. Texto e mente da cultura: a consciência sobre a consciência

A orientação do método semiótico para o estudo do modelo da semiosfera da cultura, de modo a resgatar a complexidade do sistema, implica a compreensão do mecanismo das invariantes nas variações da própria semiose cultural. Para Lótman, a compreensão elementar desse modelo não se traduz senão na metáfora da mente em sua capacidade de converter inteligência em processo de semiose, isto é, de linguagem e sistemas de signos. Nesse sentido, uma das premissas fundamentais de seu estudo da semiosfera se orienta pelo processo de geração de sentido que, nos espaços

de mente, se manifestam em funcionamentos ou capacidades de armazenamento, disseminação e de geração de sentido que, nos quadros da cultura, surge como informação nova. Atente-se para a filiação do sentido à geração de semiose, fora de qualquer apriorismo ou da propriedade de uma dada organização signíca.

No entender de Lótman e Uspênski, o campo do estudo do sentido com base na construção do método e no entendimento do modelo da semiosfera é altamente revelador de um funcionamento do espaço de mente que, ao longo do século 20, foi desenhando como inteligência, levando a investigação científica a se engajar num movimento de ampliação que emergiu como “consciência sobre a consciência” (Lótman e Uspênski, 1973a, p. XXII). Evidências flagrantes desse movimento não se concentram apenas nos estudos do sentido, mas na grande esfera de gravitação sobre a tríade mente-cérebro-inteligência; código-linguagem-sistemas. Trata-se de um campo de forças de considerável estreitamento de vínculos e interdependência entre método e modelo. Nele se divisa a necessidade de pensar a cultura como uma mente cuja ação primordial não é exatamente a capacidade de produzir linguagem, mas sim a condição de gerar textos, isto é, de gerar sentido. Esse é o universo da mente estudado por Lótman (1990).

Sabemos que a noção de linguagem distingue o homem das demais espécies a ponto de definir a condição antropológica da cultura. Ao explorar a força modelizante da linguagem, contudo, a cultura aponta para um horizonte de possibilidades que mostrou para semiótica da cultura uma outra concepção: aquela em que o texto é o precedente de toda linguagem (e não o contrário).

Texto se tornou a chave do moderno estudo semiótico uma vez que permitiu tanto a formulação do modelo (cultura como texto) quanto do método (texto da cultura). Enquanto modelo, o texto se orienta pela modelização das linguagens, sobretudo porque é na linguagem que se manifesta o entendimento e seus movimentos em sistemas de signos que evidenciam a mudança naquilo que permanece. Enquanto método, o texto funciona como processo de auto-descrição do sistema no espaço semiótico de sua constituição.

Ainda que o raciocínio seja orientado pela interdependência e uma certa circularidade, não estamos aqui desenhando uma aporia. Considerando que a consciência do homem do século 20 pautou pela dominância do sentido, a materialização de tal condição não se fez senão pela ampliação e diversificação dos sistemas de signos, estimulados pelo desenvolvimento histórico dos meios de comunicação a partir da invenção do alfabeto e das expansões tecnológicas das línguas, das linguagens e também dos veículos técnicos que lhes servem de suporte. Face a esse quadro, Lótman e Uspênski (1973a) entendem que o conhecimento nesse século

gravita em torno de um modelo: a metalinguagem.

Antes que se possa firmar malentendido vale esclarecer e antecipar um aspecto de nossa análise: quando a metalinguagem funciona como ferramenta de tradução, como afirmado anteriormente, ela serve a um método ou caminho de descrição. Quando, porém, seu escopo se amplia como possibilidade cognitiva, teórico-crítica e analítica, temos então a emergência de um modelo. É assim que entendemos a formulação de Lótman e Uspênski quando mostram o conhecimento do século 20 baseado nas linguagens de comunicação e mesmo de descrição como modelo metalinguístico.

Nesse sentido, continuam os semioticistas, o crescimento dos meios técnicos de comunicação só se tornou importante porque se fez acompanhar de um correspondente aumento de tecnologia de inteligência traduzida não só em novos códigos como também em linguagens analítico-descritivas capazes de abranger o dinamismo da complexidade próprio do conhecimento metalinguístico. Consequentemente, a cultura pode ser entendida como texto — universo de mente — e, portanto, modelo de mundo. Códigos e linguagens se tornam o método fundante do conhecimento metalinguístico que se projeta em tecnologias de inteligência ou simplesmente semioses.

E essa dinâmica revela uma inequívoca dificuldade de compreensão do fenômeno da comunicação no quadro das interações culturais.

A partir do método descritivo-estrutural guiado para a análise do funcionamento dos sistemas semióticos em sua extensão e profundidade, Lótman (1985) propõe a comunicação como problema semiótico por excelência.

Se conseguimos nos afastar do risco da aporia, o mesmo não pode ser dito com relação ao paradoxo do entendimento. Com isso se quer dizer o seguinte: à luz do conceito de texto a cultura “fala” muitas e diferentes linguagens; constrói metalinguagens e se desenvolve como sistema de autocomunicação. Esses são alguns dos paradoxos que marcam o estudo da comunicação como problema semiótico no espaço da cultura, tal como tratamos de compreender em outros estudos (Machado, 2007; Machado, 2011).

5. Metalinguagem e crioulização na auto-descrição da cultura

Via de regra o conceito de metalinguagem se reporta à significação na língua e ao mecanismo de tradução de correspondências semânticas baseadas no termo-a-termo. No contexto semiótico de compreensão das linguagens da cultura, a metalinguagem revelou-se mecanismo de tradução de códigos não coincidentes, entre elementos sistêmicos e extra-sistêmicos. Observa-se que a operação metalinguística é guiada pela invisibilidade de relações, o que faz dela uma operação

fundamental do método estrutural-semiótico na auto-descrição dos sistemas da cultura. Na análise da inserção do extra-sistêmico, observam-se procedimentos que sustentam ações consagradas como “crioulização das linguagens discretas, das linguagens não-discretas e das metalinguagens” (Lótman, 1998e, p. 23).

Denomina-se crioulização das linguagens os movimentos de aproximação e contatos entre povos e culturas em que se observam mutualidade de relações entre conjuntos heterogêneos. Nas línguas, nem mesmo as distintas gramáticas constituem obstáculos para a emergência da crioulização². Os encontros civilizacionais elaboram exemplos extremos desse processo, sobretudo quando pensados nos funcionamentos que emergem no contexto de intraduzibilidade e da própria irracionalidade das relações. Segundo Lótman, surgem aí condições inarredáveis de conflito pelo espaço em extremos de irreversibilidade. O mais surpreendente é que, do ponto de vista sistêmico, desenvolve-se a capacidade do sistema de traduzir um sistema de signos por outro de natureza diferente. “O sistema se auto-organiza, orientando-se por uma meta-descrição dada, descartando aqueles seus elementos que deste ponto de vista da meta-descrição não deveriam existir e acentuando o que nesta descrição se delineaia” (Lótman, 1998e, p. 33-34).

Como mecanismo semiótico de tradução de linguagem e de elaboração de códigos possíveis, graças ao processo de recodificação daquilo que, numa primeira instância é intraduzível, a metalinguagem funciona como um dispositivo de inteligência na dinâmica sistêmica da cultura. O mecanismo inteligente é dotado de capacidade de descrição metalinguística. Contudo, ao definir metalinguagem como processo de inteligência, Lótman não toma a inteligência do homem como modelo. Sua premissa se orienta pelas estruturas supra-pessoais distantes da consciência humana e, por conseguinte, próximas das inteligências que possam agregar diferentes espécies no universo culturalógico (da zoosemiótica à culturologia) (Lótman, 1998e, p. 24; 1990).

O quadro de sistemicidade aqui delineado se amplia visto que a relação entre o sistêmico e o extra-sistêmico desvenda o confronto no interior de um sistema que mostra o espaço semiótico no confronto dos mais diferenciados sistemas de cultura. Na condição de dispositivo pensante, a metalinguagem se mostra como capacidade dos mecanismos de inteligência de processar informação que, diferentemente da consciência humana, resultam de uma inteligência autônoma e artificial (Lótman, 1998e, p. 19). Não se trata de tomar a consciência humana como paradigma, como queria, por exemplo, Allan Turing, mas de observar as dife-

rentes inteligências possíveis em contextos de cultura externos aos sistemas da cultura humana. Ao que se pode inferir, como o faz Lótman, três classes de objetos inteligentes: a consciência natural do homem (de uma unidade humana isolada), o texto (numa segunda acepção) e a cultura como inteligência coletiva, no sentido de um comportamento comum a diferentes espécies vivas ou do universo da mente. O importante é que, “do ponto de vista estrutural, todos se caracterizam pela heterogeneidade semiótica” e evidenciam distintas modelizações do mundo. A começar pelas assimetrias dos hemisférios cerebrais na produção de textos discretos e textos contínuos: uns não se traduzem pelos outros e, no entanto, é da intersecção entre eles que nascem os textos novos (Lótman, 1998e, p. 17; 18-9).

A necessidade de considerar o dispositivo inteligente do ponto de vista de sua intraduzibilidade e imprevisibilidade se deve ao fato de que os sistemas não discretos (produzidos pelo hemisfério direito) continuam um grande enigma: ainda não se desenvolveu uma ciência com o lado direito do cérebro.

Estas dificuldades são provocadas em grande medida pelo fato de que qualquer dos procedimentos de descrição de tal sistema hoje existentes encontram-se vinculados a uma reformulação do mesmo mediante recursos de uma metalinguagem discreta, que conduz a uma transformação radical do próprio objeto, que adquire um caráter quase irracional. As ideias segundo as quais os textos discreto-verbais (hemisfério esquerdo) possuem um caráter racional e inteligível, ao passo que os não discretos (direito) em um caráter irracional, requer revisão (Lótman, 1998e, p. 21).

Se a metalinguagem colabora para aproximar signos discretos e signos contínuos, de traduzi-los servindo-se da recodificação de modo a preservar a imprevisibilidade e intraduzibilidade do sistema em sua complexidade, é natural que se entenda que estamos aqui diante de um modelo simplificado. Nesse sentido, a metalinguagem mostra-se linguagem de descrição torna-se parâmetro fundamental para distinguir a complexidade do sistema da simplificação do modelo cujo método não tem senão o objetivo de permitir a compreensão — consciência da consciência de que fala Lótman.

A simplificação do modelo não quer dizer ausência de dinamismo, pelo contrário. A noção de que os sistemas culturais são dotados de complexidade porque, ainda que abriguem invariantes em sua constituição, o dinamismo é seu mecanismo fundamental,

² Não trataremos aqui deste processo tão fundamental da constituição sistêmica do espaço semiótico. Contudo, deixemos aqui anotadas alguns dos investimentos teóricos no campo das línguas crioulas, bem como da ecologia das linguagens (Calvet, 1999; Couto, 1996; Couto, 2007; Galano e outros, 1997).

está na base da noção de auto-descrição do sistema. Entendida como manifestação do dinamismo interno do sistema, a auto-descrição elabora um modelo dinâmico de organização da cultura. Esse modelo Lótman investigou de modo comparativo a partir de concepções que veem de Hegel, Darwin e chegam em Kant, mas não param nele, avançam e alcançam Leibnitz. O modelo de mundo constituído a partir das ideias de Hegel e de Darwin define a cultura em estado evolutivo. Contudo, situa o investigador fora da evolução: “o conhecimento é concebido como a descoberta das regularidades (estruturas) ocultas no objeto (cultura). O investigador armado da lógica, se encontra na posição de correspondente da verdade” (Lótman, 1989, p. 140). Quando Lótman recorre à auto-descrição, o modelo inclui a dinâmica da linguagem da descrição que investiga e constrói o modelo. Não se trata de questionar o modelo de mundo em sua constituição evolutiva, mas sim de um questionamento quanto ao método: por que o investigador está fora da investigação? Lótman situa a importância de Kant no delineamento do método a partir do qual se interroga sobre o modo de conhecer. Segundo ele,

O interesse se desloca da questão de como se encarna o espírito no texto, para a interrogação de como o texto é percebido pelo auditório. Sobre esta base se desenvolvem diferentes orientações da hermenêutica. Em suas manifestações extremas essa metódica translada toda a atenção ao sujeito da cultura (Lótman, 1989, p. 141).

Consolida-se a noção de interpretação da cultura pelos seus contemporâneos. O modelo interpretativo é sempre atual e bem delimitado pela relação sujeito / objeto. Esse modelo cuja linhagem remonta a grandes fundações do pensamento europeu, de Hegel a Kant, não se aplica a todas as culturas nem a todos os níveis dos sistemas culturais. Por exemplo, os níveis radicalmente diversificados de produção de sentido. O processo de geração de sentido tornou-se uma questão fundamental da semiótica da cultura. Além do dinamismo de geração, a geração de sentido evidencia o trabalho dos textos de cultura como processos irreversíveis. “Este processo supõe o ingresso de alguns textos no sistema e a transformação específica, imprevisível, dos mesmos durante o movimento entre a entrada e a saída do sistema” (Lótman, 1989, p. 142). Com base no conceito de processo irreversível, Lótman propõe um modelo invariável de geração de sentido. A irreversibilidade é a invariável do sistema que

permite definir as estruturas geradoras de sentido como uma espécie de mônadas semióticas funcionantes em todos os níveis do universo semiótico. Mônadas são tanto a

cultura em sua totalidade como cada texto suficientemente complexo de sua composição, incluindo também a pessoa humana isolada, considerada igualmente texto (Lótman, 1989, 142-143).

A mônada se apresenta, sobretudo, como um modelo semiótico-informacional, não dotada de existência material. Com isso, nenhum texto que entra para sua constituição é aniquilado, pelo contrário, ao integrar um novo espaço o texto se transforma e dele emerge um novo texto. Acompanhemos o raciocínio de Lótman a esse respeito. Afirma: quando um invento técnico surge ele devora o anterior, ainda que mantenha sua existência física. O seu núcleo informacional foi devorado. Os meios técnicos de comunicação são o exemplo evidente em nossa área de conhecimento: telefone e telégrafo, por exemplo. Quando se considera, contudo, os meios de comunicação do ponto de vista dos sistemas semióticos que os constituem, percebe-se que não há aniquilação nem física nem semiótica. É o que podemos constatar se tomarmos sistemas de signos alfabéticos em relação ao tipográfico e impresso; o sistema fotográfico e o cinematógrafo; a radiofonia e os sistemas audiovisuais. Tomados a partir do modelo semiótico-informacional o sistema emerge como complexidade de transformações de geração de sentido em diferentes níveis de sua constituição estrutural. Dela deriva sua capacidade para a auto-descrição que sugere a Lótman a mônada.

6. Considerações finais: O problema semiótico na ciência humana

Considerando que as línguas e as linguagens da cultura se tornaram objetos primordiais do estudo semiótico em pauta, só nos resta entendê-los como os modelos fundamentais a partir dos quais se constituiu a semiótica da cultura. No centro da análise foram formulados procedimentos teóricos de análise no sentido de alcançar a descrição e funcionamento dos sistemas envolvidos bem como a natureza de suas relações.

Noções de signo discreto / signo contínuo; diacronia / sincronia; modelização primária / modelização secundária; invariância / variação; estático / dinâmico; reflexo / refração; forças centrípetas / forças centrífugas; série evolutiva / grande temporalidade; dialogismo / signo ideológico; memória / mente da cultura; extração / espaço semiótico — eis algumas das noções que encaminham, cada uma a seu modo e no contexto de investigações particulares, os alinhamentos dos estudos da semiosfera. Mais do que conceitos de condução da análise semiótica aplicada, cada formulação procurou compreender as manifestações de cultura para as quais se alcançou uma linguagem de

descrição. Em cada uma, cumpre-se a máxima do pensamento de Lótman segundo a qual: “A linguagem da descrição não está separada da linguagem da cultura e da sociedade a que o pesquisador encontra-se filiado” (Lótman, 1969, p. 95). Não poderíamos ter melhor definição para método semiótico em sua expressão semiótico-estrutural. Não é a toa que uma das obras fundamentais pela qual Lótman desenvolveu sua prática analítica foi o estudo da estrutura do texto artístico. Foi na estruturalidade da obra de arte que Lótman perscrutou um modelo de análise semiótica em que o método descritivo se aproxima do dinamismo de seus constituintes sem eliminar os invariantes da composição. A estrutura não pode prescindir dos elementos estáticos para configuração da dinâmica das relações, como não hesita Lótman em sua análise.

Ao colocar diante de si a finalidade consciente da construção de modelos dinâmicos da obra artística, é indispensável rejeitar a sua contraposição categórica aos modelos estáticos e, mais ainda, negar-se a considerar esses dois tipos de modelização do texto artístico como metódica e metodologicamente hostis. Bem mais correta será sua interpretação como duas etapas da aproximação científica à compreensão do mecanismo do funcionamento social da obra. Um mesmo texto pode ser descrito de algumas maneiras diferentes. Sendo assim, se cada uma dessas descrições for tomada isoladamente, isto só será possível na qualidade do sistema estático, e então a estrutura dinâmica surgirá de suas relações (Lótman, 1979, p. 132).

De acordo com o raciocínio de Lótman, o método de abordagem semiótico-estrutural assume o caráter descritivo como etapa indispensável de um processo que se completa na construção dinâmica do modelo. A descrição do modelo estático não é definitiva e não permite “o julgamento da função estética do texto. [...] Com isso, cada uma das estruturas citadas, tomada em separado, pode ser descrita estaticamente, mas a relação delas introduz no modelo o elemento de dinâmica”. O que se conclui é que a estrutura estática não se define “pela natureza do fenômeno em si, mas pelo método de descrição que se escolheu” (Lótman, 1979, p. 133).

A compreensão da estrutura implica a explicitação do trabalho construtivo de seus constituintes, a vida do texto em funcionamento. O método semiótico-estrutural se ergue sobre a descrição do texto em sua dupla abordagem: a descrição da estrutura estática não se desenvolve sem uma dada percepção que se lança sobre ele e refaz a sua configuração a princípio estática. O modelo dinâmico nasce da relação entre diferentes níveis construtivos. Sustenta-se, pois, da

luta e do conflito entre tais níveis — que podem ser assim denominados índices energéticos sem os quais não emerge a função estética. É essa percepção imediata que se torna objeto da descrição estrutural do texto de cultura (Lótman, 1979, p. 137). Num primeiro momento, há que se considerar a estrutura estática.

Somente depois disso pode-se esperar passar para os modelos dinâmicos (funcionais) e para o inventário do momento energético, i.é, o momento da resistência dos sub-sistemas à sua aproximação estrutural e do esforço exigido para vencer esta resistência. Entretanto, ao diferenciar essas três etapas na descrição estrutural do texto, não se deve esquecer que o modelo adequado da obra só poderá ser construído após o inventário conseqüente de todos esses momentos (Lótman, 1979, p. 138).

A noção de luta não se manifestou apenas na estrutura da obra artística, mas, porque foi proposta como constituinte fundamental do modelo artístico em sua articulação fundamental e, por isso mesmo, simplificada, não foi difícil observar o alcance desse modelo simplificado para entender o momento energético formulado enquanto linguagem de descrição do sistema.

A metalinguagem define o método de auto-descrição da complexidade em termos de seus constituintes estruturais e seus mecanismos explosivos. A ela podemos atribuir a possibilidade de investigar a semiose dos sistemas da cultura do ponto de vista da invisibilidade. Nesse sentido, a metalinguagem potencializa igualmente a capacidade interpretativa do sistema, sobretudo se considera que a ciência do século XX, além de voltar-se para a descoberta do novo, toma como designio de ampliar a “consciência sobre a consciência” (Lótman e Uspenski, 1973a, p. XII). Conseqüentemente, a cultura é compreendida como sistema de linguagens constituídas a partir do processo de modelização entre os diferentes sistemas de signos que, do ponto de vista de sua manifestação concreta, emerge sob forma de texto. É como texto que os sistemas culturais surgem como problema semiótico.

O texto não apenas organiza os sistemas da cultura a partir das linguagens, como também explicita sua dinâmica fundamental do desenvolvimento da cultura. Daí ser o texto o precedente mesmo da linguagem, uma dentre as inúmeras ousadias do pensamento propositivo de Lótman (Machado, 2011).

Do ponto de vista semiótico, a hipótese estrutural é aquela em que “a cultura é compreendida como sistema de linguagens e de sua concreta manifestação como texto e, em última análise, como problema semiótico” (Lótman e Uspenski, 1973a, p. XIV). O problema pode ser compreendido no novo modo de se situar as

relações entre texto e linguagem. O novo método proposto é o descritivo-estrutural guiado para a análise do funcionamento dos sistemas semióticos em sua extensão e profundidade. Com isso, abandonam-se aplicações.

Ao considerar a linguagem da cultura como um novo objeto de pesquisa científica, Lótman afirma a mudança do significado metodológico da pesquisa que o próprio objeto obriga rever. Nesse sentido,

o dever da pesquisa semiótica não é a expansão em largueza ou amplitude mas adensamento em profundidade, o que implica a descrição imanente de sistemas concretos de signos. Trata-se tanto de estudar, na esfera estudada, um determinado complexo de signos, quanto de analisar as relações com os signos estudados, seja no texto (sintagmática), seja no sistema (na paradigmática). As análises das relações deste último tipo (a paradigmática) pressupõe necessariamente a introdução do conceito de nível e a instituição de uma hierarquia entre os níveis. Pode-se dizer que a própria elaboração da metódica da descrição adquire, para a semiótica descritiva, um significado essencial, não limitado a aplicação de dados métodos a descrição do sistema concreto que serve de objeto de pesquisa (Uspenski e Lótman, 1973a, p. XXI).

Há que se ressaltar dois pontos essenciais do processo descritivo. Por um lado, visa ao “funcionamento do sistema de signos como processo comunicativo” e, por outro, o “funcionamento dos sistemas semióticos face à atual delimitação da sincronia e diacronia e em geral o estudo da dinâmica do texto e do conjunto do sistema” (Uspenski e Lótman, 1973a, p. XXI). O que em última instância significa dizer que a compreensão dos diferentes funcionamentos mostram as diversas possibilidades de semiose e dos processos de significação a partir de uma hierarquia complexa. Delineia-se um caminho da construção de uma teoria sintética da cultura humana, não do ponto de vista de formulações abstratas, mas do ponto de vista da história do pensamento humano em sua capacidade metalinguística ou de realização metateórica (Uspenski e Lótman, 1973a, p. XXI).

A pesquisa semiótica assim concebida busca situar o lugar da semiótica no contexto da ciência humana (sic). Ciência humana, no singular, não diz respeito ao plural que congrega as ciências propostas no século XIX, como antropologia, sociologia, etnografia. A ciência humana seria a ciência do homem como parte de outros sistemas. É como ciência humana que a semiótica da cultura foi concebida e, se alcançou a semiosfera, foi porque o método descritivo-estrutural de possibilidades de semiose não hesita o enfrenta-

mento das interações comunicativas nos sistemas de signos em funcionamento nas hierarquias complexas. Resgatar a condição de complexidade no estudo das ciências humanas é a tarefa da semiótica da cultura. ●

Referências

- Calvet, Louis - Jean
1999. *Pour une écologie des langues Du monde*. Paris: Plon.
- Couto, Hildo Honório do
1996. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: UnB.
- Couto, Hildo Honório do
2007. *Ecolinguística. Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus.
- Galano, Ana Maria; Kury, Adriano da Gama
1997. *Língua mar: criações e confrontos em português*. Fundação Nacional de Arte.
- Ivanov, Vjacheslav
2003. *Escola de semiótica: a experiência de Tártu-Moscou para os estudos da cultura*, Teses para uma análise semiótica da cultura (uma aplicação aos textos eslavos). São Paulo: FAPESP/Ateliê Editorial.
- Jakobson, Roman
2000 [1959]. *On Translation, Linguistic Aspects on Translation*. Harvard: Harvard University Press.
- Lótman, Iuri; Uspenskii, Boris
1973a. *Ricerche semiotiche: Nuove tendenze delle scienze umane nell'URSS*, Introduzione. Torino: Giulio Einaudi.
- Lótman, Iuri; Uspenskii, Boris
1981 [1971]. *Ensaíos de semiótica soviética*, Sobre o mecanismo semiótico da cultura. Lisboa: Livros Horizonte.
- Lótman, Iuri
1978a. *A estrutura do texto artístico*. Lisboa: Estampa. Tradução M.C.V. Raposo e A. Raposo.
- Lótman, Iuri
1979. *Semiótica russa*, Sobre algumas dificuldades de princípio na descrição estrutural de um texto. São Paulo: Perspectiva. Tradução A. F. Bernardini.
- Lótman, Iuri
1985. *La semiosfera. L'asimmetria e il dialogo nelle strutture pensanti*, Introduzione. Venezia: Marsilio.
- Lótman, Iuri
1990. *The Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture*. Bloomington, Indiana University Press.

Lótman, Iuri

1996. *La semiosfera I. Semiótica de la cultura y del texto*, Acerca de la semiosfera. Madrid: Cátedra. Tradução e Organização D. Navarro.

Lótman, Iuri

1998a [1969]. *La semiosfera II. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*, Sobre el metalenguaje de las descripciones tipológicas de la cultura. Madrid: Cátedra. Tradução e Organização D. Navarro.

Lótman, Iuri

1998b [1973]b. *La semiosfera II. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*, Sobre los dos modelos de la comunicación en el sistema de la cultura. Madrid: Cátedra. Tradução e Organização D. Navarro.

Lótman, Iuri

1998c [1974]. *La semiosfera II. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*, Un modelo dinámico del sistema semiótico. Madrid: Cátedra. Tradução e Organização D. Navarro.

Lótman, Iuri

1998d [1978]b. *La semiosfera II. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*, El fenómeno de la cultura. Madrid: Cátedra. Tradução e Organização D. Navarro.

Lótman, Iuri

1998e. *La semiosfera II. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*, Cerebro - texto - cultura - inteligencia artificial. Madrid: Cátedra.

Lótman, Iuri

1998f [1989]. *La semiosfera II. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*, La cultura como sujeto y objeto para si misma. Madrid: Cátedra.

Lótman, Iuri

2001. The paradoxes of semiosphere. *Sun Yat-sen Journal of Humanities*, vol. 12, p. 97-106.

Machado, Irene

2007. *Semiótica da cultura e Semiosfera*, Circuitos dialógicos. Para além da transmissão de mensagens. São Paulo: AnnaBlume/FAPESP.

Machado, Irene

2011. Lótman's scientific investigatory boldness: The semiosphere as a critical theory of communication in culture. *Sign Systems Studies*, vol. 39.1, p. 81-104.

Machado, Irene; Romanini, Vinicius

2011a. Semiótica da comunicação: da semiose da natureza à cultura FAMECOS, PUCRS, [Semiotics of Communication: From Semiosis of Nature to Culture. Biosemiotics DOI 10.1007/s12304-011-9117-1.], vol. 17, n. 2, p. 89-97.

Dados para indexação em língua estrangeira

Machado, Irene

Method, modelization and semiotics as human science

Estudos Semióticos, vol. 9, n. 2 (2013)

ISSN 1980-4016

Abstract: *The article attempts a critical review of the semiotic structural method designed for the analysis of cultural systems from the perspective of its complexity. It starts with considering the concept of text as a model and the modeling process as a structural analytic method. The central hypothesis distinguishes structural method and model and understands description and cognitive synthesis as fundamental processes in the semiotic studies of culture. According to Uspensky and Lótman, 20th Century science, in embracing new discoveries, had to face language, the expansion of both its sign systems and the processes of meaning making. Scientific research is expected to engage in the expansion of an "awareness of awareness" movement, in order to take admit the transformations which constitute the semiotics of cultural texts. This way, it situates semiotics and its role in the humanities.*

Keywords: *structural model, structural method, complexity, modeling*

Como citar este artigo

Machado, Irene. Método, modelização e semiótica como ciência humana. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://revistas.usp.br/esse>). Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 9, Número 2, São Paulo, Dezembro de 2013, p. 77-87. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 24/Novembro/2012

Data de sua aprovação: 17/Março/2013
